

peradas dos inventores, a técnica faz um novo progresso fundamental, as fábricas expõem em ondas cada vez mais volumosas, novos bandos de supérfluos. Estes, uma vez expulsos da comunidade dos que ganham seu pão quotidiano, se vêem expostos à angústia, à incerteza e ao desespero.

Na América, no decorrer dos vinte primeiros anos deste século, o aperfeiçoamento excepcional do maquinismo criou uma abundância de riquezas tal, que a fantasia mais desenfreada dos contos de fadas jamais teria conseguido imaginar um quadro de desenvolvimento econômico tão extraordinário.

Porém, ao passo que nas fazendas gigantescas das sociedades anônimas de muitas centenas de milhares de hectares os tratores, as semeadeiras, as máquinas de atar e de debulhar recolhem uma abundância até então inaudita de trigo, ao passo que nas padarias elétricas das grandes cidades, se amontoam milhões de pães de fôrma, ao passo que as máquinas de colher fornecem montes de algodão, — as estradas ficam entulhadas de "farmer" desocupados, errando à aventura. Nas cidades, enxames intermináveis de operários industriais sem trabalho acotovelam-se nos lugares onde se distribuem comida, e a muitos milhões falta a mais indispensável indumentária.

«Justamente quando a prosperidade e a "efficiency" passam a ser a oitava maravilha, as casas operárias ficam repletas de homens que procuram trabalho e não conseguem encontrar serviço algum!» escreve o "New York Times". Queixas parecidas, enchem, desde esse tempo, as colunas de toda a imprensa, ressoam em todos os altos-falantes, nos discursos pronunciados nas reuniões das massas agitadas e desesperadas. Pouco a pouco, impõe-se a suposição: "Talvez soframos miséria porque possuímos demais; talvez nos falte o trabalho porque aprendemos a trabalhar com demasiada habilidade".

Em 1932, Frank J. Taylor, o chefe da Assistência Pública de Nova York, comunica que nunca, em toda a história da cidade, houve tanta pobreza e tanta miséria. "Nunca houve tantas famílias que esgotaram todos os seus recursos. Nunca houve tantas pessoas despejadas de suas moradias; nunca houve tantas doenças provocadas pela insuficiência da alimentação; nunca houve tantos famintos como agora".

Ao mesmo tempo, o presidente Franklin D. Roosevelt reconhece a "ironia trágica" que se esconde no fato de que o sistema industrial mais produtivo de todos os tempos levou o mundo à beira do precipício. "Não foi uma catástrofe da natureza que nos levou a nosso estado atual, nem uma seca, nem uma inundação ou um terremoto. Temos excesso de matérias primas, excesso de máquinas para transformar essas matérias nas mercadorias que precisamos, temos excesso de meios de transporte e de aparelhamentos comerciais, destinados a tornar acessíveis essas mercadorias a todos os que precisam delas.

Não obstante, milhões de homens em condições de trabalhar e dotados de inteligência clamam na mais amarga miséria por trabalho. Para muitos milhões de nossos concidadãos, perdeu-se esse sentimento de segurança ao qual pensavam ter legítimo direito, pois vivem num país fartamente favorecido não somente pelas riquezas naturais, mas também pelos meios de produção indispensáveis afim de transformá-los em produtos necessários a toda a nossa população. E, o que é ainda mais fatal, a esperança num futuro garantido, a certeza de encontrar pão, indumentária e abrigo para o dia de amanhã, também se desvaneceram".

Assim, desde os dias da "revolução industrial", até o presente mais atual, o homem supérfluo tem estado em foco.

O homem ao qual, nesta terra parcimoniosa, somente a força de seus músculos, a habilidade de suas mãos, a astúcia de sua inteligência podiam garantir o direito de participar de todos os bens terrenos, de usufruir mesas bem servidas, moedas sonantes e camas limpas, a este homem, a máquina que agora, em seu lugar, semeia e faz a colheita, tece e fia, corta, coze e martela, roubou o pão juntamente com a força e a destreza.

Excluído do uso dos bens deste mundo, desherdado e condenado até a sétima geração, o "homem supérfluo" parece ter sido expulso pela segunda vez do Paraíso.

\*\*\*

No começo da nova era, o primeiro pensamento de muitos milhares de pessoas foi que havia apenas um remédio contra as máquinas: destruí-las, "enquanto seu número ainda fôr diminuto e sua idade ainda fôr pequena".

No ano de 1706 é que o primeiro navio movido a vapor vaga pelo rio Fulda acima e desliza num trajeto soberbo e seguro na presença de centenas de espectadores atônitos que o admiram como se olha um monstro feérico. Lança ferro no porto de Minden, no Hannover. Durante a noite, remadores e batelões juntam-se, atacam o navio a vapor e espatifam-no enraivecidos.

Em Dantzig, um inventor consegue construir um engenho mecânico para fazer cordões e que automaticamente trança seis galões numa vez. Os tecelões de galões de Dantzig atacam o inventor e afogam-no. A tesoura de tosquiar mecânica de Everet apara a lã em substituição aos tosadores. Imediatamente uma chusma de tosadores enfurecidos lança fogo à máquina. A fiadora de Hargreaves trabalha com oito, dezesseis, quarenta fusos ao mesmo tempo. Graças às "lançadeiras em vai e vem" de John Kay, a produção dos teares é duplicada. A máquina do pastor William Lee, para fazer "ponto de malha", manufatura automaticamente meias. O tear de Vaucan-